

EMAÚS, UMA EXPERIÊNCIA HUMANIZANTE

23ª ASSEMBLEIA GERAL ELETIVA - Escrito por CRB NACIONAL em 19 Julho 2013.

Introdução

De um modo geral, na VRC, constata-se que vivemos demasiadamente mergulhados numa espécie de mundo "encantado", com dificuldade de considerar os desafios atuais, de observar o que está acontecendo ao nosso redor, e fazer a leitura do nosso tempo de forma honesta e sincera. No nosso entender precisamos re-apreender a levar Jesus a sério, aprendendo com Ele a ler os sinais dos tempos como Ele o ensinou aos seus discípulos.

No texto de Emaús, nos deparamos com a possibilidade de refazer o itinerário da experiência humano-afetiva dos discípulos com o Senhor Ressuscitado. É uma caminhada expressiva capaz de gerar mudanças significativas através de uma proximidade e intimidade reais provocando uma diferença qualitativa em suas vidas antes e depois do encontro com o peregrino no caminho.

A mudança se dá em processos diferentes e variados. Todos nós poderemos nos descobrir neste caminho de mudanças, pelo conteúdo que seguiremos aqui. Destacaremos as relações humanas que acontecem no relato de Emaús; ao mesmo tempo, procuraremos trazer para o hoje da VRC as experiências vividas por eles e que apontam para uma possibilidade de transformação qualitativa em nossas relações; e desta compreensão emergirão então algumas provocações e esperanças.

Emaús, um processo de transformação pessoal

Uma das grandes certezas que temos é que somos continuamente influenciados em nosso jeito de ser e fazer. E isso transforma o nosso processo de autoconhecimento e amadurecimento humano em um verdadeiro e permanente recomeçar, o que provoca muitas vezes certo desconforto em nosso modo atual de ser. Os discípulos de Emaús estavam desanimados, cansados, com o rosto abatido e triste. Buscaram se proteger do sofrimento procurando se unir e retornando para a zona de conforto de sua casa onde talvez os desafios de uma vida tranquila e simples, seriam mais toleráveis. O retorno para suas "cavernas" interiores poderia ajudá-los na necessidade de se abrigarem das ameaças externas e internas. E aqui se percebe que eles foram levados à vivência de um estágio anterior do processo de amadurecimento humano; e enquanto permanecerem fechados sentir-se-ão incapazes de encontrar uma saída criativa que favoreça o início de uma mudança qualitativa.

É desafiante e muito difícil ajudar as pessoas depressivas e desanimadas. Elas tendem a isolar-se se tornando medrosas e desconfiadas. Sentem vontade de controlar o ambiente ao seu redor além de apresentarem pouca ou nenhuma disposição a reconsiderar suas emoções. Os discípulos também se encontram de tal modo fechados sobre si mesmos, centrados em suas emoções que não conseguem fazer uma leitura crítica do momento que estão passando e que poderia fazê-los reorganizar suas vidas. Alguém precisa fazer aqui uma intervenção que os ajude a sair de suas "cavernas" e enxergar mais além. Jesus se aproxima e se coloca ao

lado deles. Caminha com eles. Respeita o ritmo deles. Não invade sua privacidade, apesar de eles mostrarem sinais de fraqueza, limitações e fragilidade. Foi uma experiência íntima intensa e decisiva. **Destaquemos alguns aspectos:**

1) Caminhar junto. Caminhar junto significa aproximação. Significa criar um espaço de acolhida, escuta, de alegre partilha dos sentimentos e das conquistas; um espaço que resgata a confiança perdida, e transforma o interior aflito do outro. Jesus continua o caminho com eles a tarde inteira. Deseja "perder tempo", ou melhor, "ganhar tempo" com eles. Deseja ouvi-los.

Todos precisamos de um espaço para falar da nossa dor, da nossa luta, das nossas conquistas, decepções, tristezas, enfim! Todos querem sentir que somos gente! O encontro de Jesus com os dois discípulos tem essencialmente esta característica; Jesus não tem pressa, deixa-os falar (Ele só entra em cena quando os dois já estavam adiantados em sua caminhada para Emaús – não tem pressa de falar); incentiva-os a falar (sobre o que conversáveis...); escuta-os; se interessa por eles; permite que eles sejam sinceros na sua expressão (és o único que não sabe disso...); deixa-os que esvaziem seu coração... só depois toma a palavra.

Uma VRC humana compreende esta atitude. Quem atravessa uma dificuldade está tomado por aquilo que é próprio do momento... precisa desabafar, esvaziar, falar! Os superiores precisam ouvir, os co-irmãos precisam ouvir, nós precisamos ouvir! Há uma relação muito próxima entre o ser ouvido e se compreender na sua dor, no seu momento vital. Ser ouvido não apenas alivia a dor, mas essencialmente nos ajuda a organizar interiormente o nosso mundo, o nosso momento; ser ouvido sem pré-conceitos, sem pressuposições, sem condições, prepara-nos para uma mudança de atitude perante o que nos acontece.

2) Estabelecer o diálogo, a comunicação através de uma escuta ativa, implica concordar, resumir, pedir mais informações ou esclarecimentos sobre aquilo que eles estão conversando no caminho. O resgate do conteúdo do que eles estão conversando é tão importante que Jesus faz pacientemente a recapitulação do processo histórico a fim de que possam compreender objetivamente pela razão, e não pela emoção ferida, o que estava acontecendo com eles. Ser acolhido, ser ouvido e compreendido na manifestação clara, honesta e direta das opiniões, desejos e sentimentos sem ser julgado é uma experiência fundamental para iniciar um processo de mudança interior. Pelo contrário, o julgamento, a indiferença e a desatenção costumam gerar uma dificuldade enorme de falar sobre os aspectos mais íntimos e pessoais e deixam as pessoas em uma situação de desamparo (também na comunidade). O fracasso é sempre vivido de modo frustrante, o que gera sentimentos de tristeza e incompreensão. Colocar-se no lugar do outro se constitui numa experiência de pessoa-a-pessoa. É o princípio daquilo que chamamos intimidade, proximidade que nos permite partilhar com outro a nossa pessoa, os nossos sentimentos e o nosso jeito único de ser. Quanto tempo isso pode levar? Talvez a vida inteira...

3) Os dois discípulos não temem se abrir. Percebida a aceitação e acolhida de seus sentimentos, aberta a possibilidade para que falem do que estão vivendo, (sobre o que conversáveis no caminho...) eles avançam no processo de intimidade. Não apenas se contentam em falar ao estranho sobre o que acontecera, mas até o convidam para que passe

a noite com eles. O processo de abertura vai se concretizando na medida em que há acolhida, respeito, valorização e aceitação incondicional do outro. Saber que aquilo que é meu é respeitado e tomado em consideração, me faz ir mais longe na minha abertura e partilha. Viver a fraternidade poderia considerar este pressuposto! Há uma via de mão dupla: sou ouvido, respeitado, considerado por isso não preciso temer na minha abertura ao outro; com isso, provooco a possibilidade para que o outro também seja inteiro e profundo (não sabíeis que tudo isso devia acontecer...).

4) O peregrino os faz retomar a história. As coisas não podem ser vistas apenas a partir do fato recente e próximo; há outros aspectos que devem ser levados em consideração. Quando se olha os fatos presentes apenas numa ótica, há o risco de não se enxergar tudo. O que ocorreu, visto historicamente e em perspectiva de futuro, toma um significado único: a redenção!

Torna-se mais humana a VRC que ajuda a olhar a história pessoal e institucional numa perspectiva mais ampla e compreensiva. Somos mais humanos quando lemos os fatos de nossa história com a compreensão que eles demandam. Ordinariamente, quando os acontecimentos são bastante fortes e marcantes, temos dificuldade de nos afastar deles para olhar o todo! E daí, tendemos a nos fechar, a olhar apenas para nossa dificuldade, para a frustração que nos abate! E a vida perde o seu brilho.

5) A hospitalidade. Chegando o cair da tarde e com a certeza de que a caminhada com o viandante foi lentamente preenchendo o vazio e a desolação provocada pelos últimos acontecimentos, surge então o hospitaleiro convite: Fica conosco! E Jesus aceita o convite. A hospitalidade faz o visitante sentir-se em casa, cuidado, acolhido sem reservas. E assim, abrigado, pode comer, beber e descansar, afinal a viagem foi longa e fadigosa. O peregrino lhes dá a oportunidade de praticar a generosidade e a gratuidade; ele pede para fazer morada em seus corações. A chegada do estrangeiro lhes proporciona um momento de descoberta de si mesmos; dá-lhes a possibilidade de um novo olhar sobre seus próprios recursos e de uma tomada de consciência para acolher a realidade do até então vivido, atitude que veio se mostrando não fácil nem tranquila. No aconchego da casa a relação que foi sendo tecida na caminhada, agora vai se fortalecendo através dos vínculos afetivos.

Há, na VRC, a necessidade do resgate da hospitalidade, da acolhida, da partilha que gera vida e esperança, tanto para com os irmãos/as da mesma comunidade, quanto para com os religiosos/as das diferentes instituições que partilham o mesmo ideal. Somos continuamente desafiados pela atual conjuntura. Muitas vezes estamos sobrecarregados, perdidos em preocupações, ansiedades e aflições do dia-a-dia, o que exige de nós um olhar lúcido e criativo. Temos de tomar consciência de que a modernidade tecnológica tem misturado as realidades de vocação e profissão com sérias consequências para a identidade do ser religioso. Vocação e profissão são duas dimensões diferentes, embora articuladas nas atividades humanas. Sendo assim, a identidade do ser religioso implica uma relação própria entre as duas e vê-se ameaçada quando a profissão se sobrepõe à vocação. Vocação passa pela gratuidade, própria da entrega a Deus. A experiência de Emaús nos desperta para a urgência da priorização do nosso "tempo vivido", para a saída de nossas "casas" interiores em

direção às comunidades fraternas, como possibilidade de descobrir na atitude de "hospedar" e ser "hospedado", a presença de Jesus no meio de nós.

6) A tendência da fuga! Simbolicamente, o retorno a Emaús, da parte dos dois discípulos poderia significar uma fuga da realidade dura com a qual se depararam: o grande sonho havia se diluído na cruz! O que eles tinham projetado, esvaíra-se em pouco tempo! Faltavam forças para continuar o que tinha sido iniciado tão esperançosamente.

É sempre mais fácil fugir ou, sobrepor à desilusão, ao fracasso, à dor da perda, ao insucesso algo prazeroso. Voltar para o lugar do aconchego é o desejo de todos quando as coisas não caminham de acordo com o projetado... "o colo da mãe" é sempre um conforto!!! Não todos estão dispostos a enfrentar a frustração de não ter conseguido. Há uma tendência de refugiar-se na segurança do que já é conhecido e experimentado. Enfrentar o desafio não é algo que por si só aconteça com as pessoas!

A presença do peregrino os ajuda a re-pensar sua própria atitude! E depois do encontro com Ele, de Sua acolhida, de Sua compreensão, de Sua partilha (partilha do pão), eles se dão conta da necessidade de voltar à realidade! O retorno a Jerusalém para encontrar os outros discípulos é a manifestação concreta de que quando se assume o desafio e se supera a vontade e o desejo da segurança mais fácil, descobre-se a beleza do que inicialmente fora intuído.

Emaús, uma provocação à VRC

Após a experiência vivida com o Ressuscitado, os discípulos agora se sentem integrados, confiantes, fortalecidos e leves interiormente apesar das limitações tão próprias do ser humano. Estão re-encantados com o Senhor e precisam dar vazão a tão grande alegria. Eles não se curvam diante do cansaço, do mais cômodo, das preocupações, do medo, mas assumem o desafio de refazer imediatamente o caminho de volta a Jerusalém. Eles têm pressa. Desejam se unir aos outros, pois, redescobriram a beleza do encontro, da intimidade, da vida partilhada na comunidade que gera filiação e fraternidade.

Depois da experiência vivida pelos discípulos de Emaús podemos nos perguntar: como a vida religiosa hoje, pode fazer o resgate da vida fraterna, tantas vezes despedaçada, sofrida e desacreditada? É uma mistura de trevas e de luz. E não é em um dia que ela será endireitada. Isso exigirá muita purificação e perdão; exigirá esforços diários e, sobretudo, uma grande paixão pelo Senhor que nos renova por dentro. Ainda: como os irmãos, irmãs em nossas instituições podem refazer a experiência do encontro com ressuscitado que certamente os levaria de volta à Jerusalém apostólica?

Relembrando o até aqui vivido, precisamos reconhecer que há, em cada um de nós, uma parte já cheia de luz, convertida. Há também uma parte que comporta trevas. Uma comunidade não se compõe apenas de pessoas convertidas. Compõe-se de todos esses elementos que, em nós, precisam ser transformados e trabalhados. Quem sabe não seria de grande valia aqui o resgate da amizade saudável, dentro ou fora da comunidade, como uma relação importante que, ainda não encontrou o espaço de reflexão que merece na VRC.

E o que dizer do direito da pessoa poder ser ela mesma? Uma das grandes dificuldades da vida comunitária é que, às vezes, obrigamos as pessoas a serem o que não são. Esperamos muito delas. Logo, quando não conseguem responder à expectativa nelas depositadas temem decepcionar e por isso não serem amadas, apresentando então sinais de desânimo, angústia e fadiga emocional. Bom seria se, como os discípulos de Emaús, que puderam se mostrar em suas fraquezas sem serem rejeitados pelo Senhor, também nossos irmãos/ãs pudessem sentir-se livres, expressar-se e dizer com toda confiança o que vivem e o que pensam sem medo de serem julgados, rotulados e até deixados de lado como, infelizmente, acontece em algumas de nossas comunidades fraternas. Mas é preciso que as instituições religiosas e cada integrante delas se convençam de que enquanto alguns tiverem medo de se expressar, medo de serem julgados, medo de serem rejeitados, ainda temos de progredir. Para além dos laços humanos, tão fortes e estreitos, formamos uma comunidade porque temos sim um projeto comum, nos amamos, ou deveríamos nos amar, mas acima de tudo, porque fomos chamados pelo Ressuscitado.

Deste modo, se algumas pessoas se reúnem para viver juntas e se amar, é porque sentem, com maior ou menor clareza que têm uma missão como comunidade, foram chamadas pelo Senhor e têm uma mensagem para transmitir aos outros.

Como no caso dos discípulos de Emaús, caminhar junto, com atitude positiva favorece a transformação interior pessoal e das comunidades fraternas. Consequentemente, a missão passa a ser fonte de vida a toda humanidade, sustentada NELE que nos alcança no caminho e nos explica o passado com vistas ao futuro e faz arder o nosso coração apesar de sermos "tardos para entender" tudo aquilo que já estava dito desde o princípio.

CONCLUSAO

O encontro dos dois com o Ressuscitado os fez tomar consciência de onde estavam existencialmente naquele momento e que precisavam voltar ao encanto e à paixão da experiência do discipulado. Uma vez compreendidas as escrituras e partilhado o pão, como que se lhes abriram os olhos. Eles entenderam que o vínculo que houve na comunidade continua presente; foram eles que romperam e saíram, não o Senhor. E voltam a Jerusalém e sentem retornar a alegria inicial de toda a experiência vivida. A festa acontece! Já não olham apenas o fato da cruz, mas olham o todo do acontecido segundo a perspectiva que Jesus lhes apresentou. Em Jerusalém estão os outros, está a comunidade... o re-encontro se dá no clima da alegria por ter uma razão que vai além da frustração vivida.

Pode ser que nós, na VRC estejamos olhando apenas o circunstancial: números de candidatos em decréscimo, idade cronológica dos religiosos em ritmo crescente, estruturas pesadas, pouca perspectiva de futuro... é a frustração! Não estranha que por vezes tenhamos vontade de dizer: "e nós pensávamos que...". Mas a alegria e o sentido da nossa vida não está apenas no circunstancial! A razão da VRC é o Reino de Deus com sua presença significativa e visível também nos dias de hoje. Se conseguirmos olhar mais amplamente, se formos mais humanos, mais gente, abrindo-nos para o que nos é dito em tudo isso, também nós retornaremos à nossa Jerusalém em festa e nos uniremos aos nossos irmãos e irmãs para viver, agora sim, com entusiasmo e sem medo o anúncio do que conseguimos perceber. E

esta será a nossa profecia: gente que é gente, humanos que são humanos, mas que são sinais do divino que descobriram na experiência com Ele. A alegria da ressurreição de Jesus não cabe apenas no refúgio seguro de Emaús, mesmo que aparentemente não haja nenhuma razão para não ficar ali! Ela extrapola os limites do medo, da proteção, da segurança, do individualismo, do intimismo e os impulsiona a refazer o caminho de volta a Jerusalém. Estar em companhia e em comunhão com os irmãos e irmãs que também acreditaram e acreditam conosco neste "sonho" da VRC, na certeza de que há muito mais do que nós conseguimos ver, é o que nos pode mover em direção à coragem do anúncio e do testemunho. A alegria não deve ser apenas porque estamos numericamente bem, porque as obras estão dando certo, porque não temos tantos problemas, mas precisa ser porque a nossa confiança está alicerçada na pessoa dEle, que nos ensina a sermos mais humanos em todas as nossas atitudes. E conscientes de nossa humanidade, mas arraigados na mística que comungamos pelos nossos carismas, teremos então atitudes proféticas. Seremos profetas corajosos em tempos que assim no-lo exigem!

Brasília, 14 de julho de 2013

Ir. Maria de Fátima Alves Moraes, ascj

Pe. Adalto Luiz Chitolina, scj